



Vassili Grossman e o “Inferno de Treblinka”

Vassili Grossman and the "Hell of Treblinka"

Newton Bignotto*

Resumo: Este artigo analisa *O inferno de Treblinka*, de Vassili Grossman. O livro, escrito a partir das entrevistas que o autor realizou com alguns prisioneiros, que haviam conseguido fugir e se esconder depois da revolta do campo em agosto de 1943, e com camponeses e moradores dos arredores do campo. Não se trata de tentar reproduzir os sentimentos dos que sofreram e nem de tentar resumir os fatos que fizeram do campo um dos acontecimentos mais terríveis de nosso tempo. O lugar do escritor não é nem o do testemunho, direto ou indireto, e nem o do estudioso, que procura por meio de fatos e números abordar a questão do Holocausto. Trata-se de forjar um olhar que transmita a experiência vivida nas fronteiras do horror e que a traga para o centro da condição humana.

Palavras-chave: Campo. Inferno. Vassili Grossman.

Abstract: This article analyzes *O inferno de Treblinka* by Vassili Grossman. The book, written from interviews that the author conducted with some prisoners who had managed to escape and hide after the August 1943 field revolt, and farmers and residents of the surrounding countryside. This is not trying to play the feelings of those who suffered and not to try to summarize the facts that have made the country one of the most horrific events of our time. The place of the writer is not even the testimony, direct or indirect, and not the scholar who seeks through facts and figures to address the issue of the Holocaust. It is to forge a look that conveys the experience the horror of the borders and bring it to the center of the human condition.

Keywords: Camp. Hell. Vassili Grossman.

Em 1944, o escritor Vassili Grossman era um nome conhecido dos soldados do Exército Soviético, que avançava a passos largos em direção a Berlim. Tendo feito a cobertura da luta por Stalingrado no meio dos combates ferozes que se desenrolaram na cidade, ele era apreciado por seus colegas e amado pelos soldados, que se reconheciam nas narrativas que publicava no jornal *Krasnaïa Zvezda*. Como jornalista, ele que não hesitava em se colocar na linha de frente para melhor compreender o que se passava no front o que o tornava muito popular entre os que enfrentavam diretamente os horrores da guerra. No mês



de julho daquele ano, ele seguia com o caricaturista Boris Efimov o Oitavo Exército da Guarda, que era comandado por Tchouïkov, célebre por sua participação na batalha de Stalingrado.¹

Além de Grossman, vários outros escritores e jornalistas, dentre os quais Constantin Simonov, um dos preferidos de Stalin, acompanhavam Tchouïkov e fizeram a descoberta do campo de extermínio de Majdanek. Essa experiência foi narrada por Simonov em um texto técnico, mas afetou profundamente Grossman, que já há algum tempo tinha tomado consciência do que ocorria com os judeus dos territórios ocupados pelos nazistas no Leste Europeu.²

No verão daquele ano, Grossman e Dolmatovski partiram para Treblinka, lugar situado a cerca de oitenta quilômetros de Varsóvia. Sua ida foi preparada pela visita a um teatro em Lublín no qual estavam guardados os pertences de milhares de judeus que haviam sido assassinados. Ele e Efimov saíram dessa visita profundamente perturbados. Esse primeiro contato com o campo de Majdanek e depois com os restos de tantas vidas ceifadas pela violência cega dos invasores nazistas certamente preparou o espírito do escritor que legaria ao mundo um dos relatos mais pungentes e sóbrios do lugar de extermínio de tantos milhares de pessoas.³

O resultado foi um ensaio com cerca de 35 páginas que seria publicado em novembro de 1944 no *Znamia*.⁴ Mais tarde, o texto que ganhou o título de *O inferno de Treblinka* foi distribuído aos jornalistas e juízes que participaram do julgamento de Nuremberg. Tratava-se de uma brochura mal impressa em papel ruim de um dos textos mais sensíveis e penetrantes de um dos maiores escritores russos do século XX. Com ele temos acesso a um olhar que não perdeu em nada sua força iluminadora sobre o que ocorreu em um dos maiores centros da morte de toda a história humana.⁵

Como mostra a biógrafa Anissimov, Grossman foi um dos primeiros a penetrar no campo de Treblinka, embora não tenha sido o primeiro a escrever algo sobre ele. Com efeito, em maio de 1944, Yankel Wiernik, um antigo detento, havia publicado um relato, *Um ano em Treblinka*, que Grossman desconhecia inteiramente e que viria a ser uma referência para os que mais tarde estudaram a história dos campos de extermínio nazista.⁶

O texto de Grossman não é um testemunho e nem um estudo sobre o campo. Ele foi construído a partir das entrevistas que realizou com alguns prisioneiros, que haviam conseguido fugir e se esconder depois da revolta do campo em agosto de 1943, e com camponeses e moradores dos arredores do campo.

Muitos anos mais tarde, Claude Lanzmann repetiria o mesmo gesto de aproximação e meditação sobre a verdade do holocausto ao iniciar seu notável



filma *Shoah* com uma referência direta aos trens que conduziam as vítimas à morte. Também ele se serviu dos testemunhos de sobreviventes e de camponeses e habitantes do lugar. Nos dois casos não se trata de um estudo, de uma narrativa que pretende ser imparcial, mas de uma aproximação por meio das imagens e da palavra de algo que não parece poder ser abordado de forma fria e distante, mas que também não pode se misturar com os relatos dos sobreviventes, que carregam na carne as marcas do horror.

No livro contendo as falas do filme de Lanzmann não há referência a Grossman e, por isso, não é possível saber se o cineasta conhecia naquela data *O inferno de Treblinka*.⁷ Seja como for, as duas obras remetem de forma semelhante e por meio de linguagens distintas a uma experiência que parece escapar aos olhos frios de uma racionalidade analítica. A força desses textos está no fato de abordar com extrema sensibilidade e respeito acontecimentos que parecem escapar à narrativa fria dos que pretendem se colocar no lugar de um observador imparcial. Em ambos os casos não se trata de tentar reproduzir os sentimentos dos que sofreram e nem de tentar resumir os fatos que fizeram do campo um dos acontecimentos mais terríveis de nosso tempo. O lugar do cineasta e do escritor não é nem o do testemunho, direto ou indireto, e nem o do estudioso, que procura por meio de fatos e números abordar a questão do holocausto. Para os dois artistas trata-se de forjar um olhar que transmita a experiência vivida nas fronteiras do horror e que a traga para o centro da condição humana.

*

O inferno de Treblinka começa com a descrição das características físicas da região na qual se situava o campo de extermínio, o que ajuda o leitor a penetrar num terreno que em breve vai se tornar difícil de percorrer.⁸ Grossman fala da “paisagem tediosa”, da “pedreira” e das qualidades dos alemães – “parcimônia, precisão, prudência, uma limpeza pedante” –⁹ que normalmente dão rosto aos empreendimentos de um povo industrioso mas que, no caso do campo de extermínio, serviu para produzir um crime gigantesco contra a humanidade. O tom inicial do texto é sereno e triste, como as imagens iniciais de uma locomotiva no filme de Lanzmann que adentra um cenário de desolação, que reluta em ser representado. O aspecto banal da paisagem é cortado pela descrição do campo nº 1 no qual ficaram presos poloneses, criminosos comuns e judeus que executavam alguma função, que era tolerada pois dependia de capacitação específica de seus executores como, por exemplo, a ourivesaria. Por meio de relatos colhidos junto aos sobreviventes, ficamos sabendo da existência de personagens terríveis como Van Euppen, assassino frio que tinha crises de



riso enquanto matava suas vítimas, ou de Sviderski, que matava crianças com um martelo numa velocidade estonteante.¹⁰

Grossman afirma que já era possível então descrever no detalhe muitos dos campos de trabalho alemães, como se o campo nº 1 de Treblinka, com todos seus horrores fosse parte de uma paisagem terrificante e em parte desvendada em seus mistérios, que fora erigida pelos nazistas no vasto território do Leste Europeu. Uma vez dentro da realidade macabra de um local como esse, no entanto, uma surpresa aguardava os que, como ele, se inquiriam sobre a vida que fora levada pelos prisioneiros.

Tendo apontado para a condição deformada dos carrascos, o escritor volta a falar do aspecto físico do campo nº 2 que encerrava um dos grandes segredos do regime de Hitler: a morte em massa de populações inteiras da Europa. Olhando para esse recinto de horror ele afirma:

Hoje as testemunhas se puseram a falar, as pedras e a terra gritam. E hoje, perante a consciência comum do mundo, perante os olhos da humanidade, podemos penetrar gradualmente, passo a passo, nos círculos do inferno de Treblinka, diante do qual o inferno de Dante é um brinquedo inocente e fútil de Satã.¹¹

Logo depois, o escritor acrescenta:

Tudo que escrevo a seguir baseia-se em relatos de testemunhas vivas; em declarações de gente que trabalhou em Treblinka desde o primeiro dia de existência do campo até 2 de agosto de 1943, quando os condenados à morte se insurgiram, queimaram o campo e fugiram para a floresta.¹²

A referência ao inferno, mais particularmente ao inferno de Dante, é uma constante na literatura sobre os campos de concentração e extermínio e também nos depoimentos de sobreviventes. Primo Levi a usou de maneira brilhante em *Se questo è un uomo*.¹³ Em posição antagônica a esse recurso literário, Imre Kertész se insurgiu contra o uso dessa referência em diversas ocasiões dizendo que o inferno não existe enquanto as câmaras de gás sim.¹⁴ Em seu livro *Ser sem destino*, no entanto, ele mostra que uma das grandes dificuldades para os prisioneiros é se dar conta da realidade. O narrador, um adolescente, diz num momento inicial de seu percurso pelo universo concentracionário:

No começo, eu me sentia, como eu diria, como um visitante em uma prisão – o que é totalmente compreensível e se deve aos nossos hábitos enganosos que



são, em última análise- aqueles da natureza humana, creio eu.¹⁵

Ora, quando a vida se transforma em pura luta pela sobrevivência é da palavra que vem o último recurso de humanização, mesmo quando ela parece estar deslocada do contexto absurdo na qual está inserida. Por isso, ao descrever o processo de degradação ao qual estão submetidos os prisioneiros em um campo de concentração é por meio de uma estranha evocação da rotina e da “beleza” que se serve o adolescente para se manter em vida:

E apesar da reflexão, a razão, o discernimento, o bom senso, eu não podia desconhecer a voz de uma espécie de desejo surdo, que me penetrou, como se tivesse vergonha de ser tão insensato e, no entanto, de forma cada vez mais obstinada eu me dizia: eu gostaria de viver ainda mais um pouco nesse belo campo de concentração.¹⁶

A beleza da qual fala Kertész não é outra do que a da vida ela mesma, que ele teima em encontrar mesmo quando ela parece não fazer mais sentido. Da mesma forma, Grossman se refere ao inferno para que seus leitores possam, pelo menos pela memória das palavras, penetrar um pouco no horizonte de horrores que ele descortina. Nesse sentido, podemos dizer que o inferno existe em nossa cultura, e sua imagem nos ajuda a começar uma viagem pelos territórios que se negam à razão, ao discernimento e ao bom senso. Sem o uso da metáfora, talvez fossemos simplesmente levados a não dar crédito ao relato do acontecido, como aconteceu com tantos sobreviventes de campos de extermínio depois da guerra. O escrito russo quer narrar o que viu, transmitir a palavra dos que viveram o inferno e colocar-se na posição do escritor que tem compromisso não apenas com sua arte, mas, primeiramente, com a verdade. “O dever do escritor – diz ele – é contar a terrível verdade, e o dever de cidadão do leitor é conhecê-la”.¹⁷

O texto flui entre a emoção e o relato equilibrado do funcionamento de um universo que escapava à compreensão dos que o abordavam pela primeira vez. Falando dos carrascos, Grossman afirma:

Os recém-chegados tremiam ao sentir a estranheza daquele olhar vencedor, farto, zombeteiro, o olhar de superioridade do animal vivo sobre o homem morto.¹⁸

Pode parecer estranho que ele apresente os alemães e seus ajudantes ucranianos, quando começa a descrever o percurso dos que acabaram de desembarcar do trem em direção às câmaras de gás, como animais e fale dos condenados como “os homens”. Longe, no entanto, de ser apenas um



procedimento retórico, o que ele vai paulatinamente expondo é a natureza do crime que está acontecendo sob os olhos de pessoas com as quais ele não quer identificar a humanidade do homem. Assim, junto aos que percorrem os espaços que separam o trem do local de execução, caminha o que a humanidade tem de melhor e que por vezes se expressa simplesmente num último olhar desesperado.

Ao evitar nomear os carrascos, que são apresentados com o conjunto de procedimentos que tornava a máquina de matar eficaz, como parte do mundo dos homens, Grossman não sugere que eles estejam fora do mundo, mas que escolheram se relacionar com a matéria, com as coisas, e não com a humanidade do homem: “Uma coisa impressionante: os animais utilizavam tudo. Couro, papel, tecido: tudo que servia ao homem era também necessário e útil aos animais, só o bem mais precioso do mundo – a vida humana – era pisoteado por eles”.¹⁹

Ao insistir nessa separação entre os “animais e os homens”, o escritor reforça a ideia de uma separação radical entre vítimas e carrascos. Se os relatos de muitos sobreviventes mostram que a partir de um certo momento da vida concentracionária, ou no percurso para os campos da morte, as pessoas têm suas personalidades alteradas, isso não se deve a uma desumanização, que terminaria por confundir os dois polos. No caso das vítimas, o que ocorre é um processo organizado de destruição da identidade. No caso dos assassinos, uma nova identidade é construída por meio do ato de destruição sistemática dos outros. Se a luta pela sobrevivência marcou a vida de muitas vítimas entre o momento de encarceramento e a morte, isso não pode ser igualado à perda de sensibilidade que experimentavam muitos dos assassinos.

Assim, quando Grossman, seguindo os relatos que coletava, mostrava que muitos dos guardas passavam todo o tempo bêbados, isso não os tornava vítimas eles mesmos de um sistema, mas sim seus executores. Se podemos falar de um sistema da morte é porque existiam homens e mulheres que o faziam existir e não porque algo misterioso tinha se colocado em marcha e tragava os homens em uma engrenagem infernal.

Um dos aspectos que o escritor russo remarcou no funcionamento do que estamos chamando de sistema foi justamente seu aspecto mecânico, seu funcionamento regulado por normas e padrões. A destruição da personalidade das vítimas não era o fruto de um acaso, mas um passo necessário para que o sistema funcionasse. Grossman liga suas observações sobre o funcionamento de Treblinka a um comportamento planejado e desejado pelos nazistas:

Pelas práticas cruéis dos últimos anos, diz ele, sabemos que uma pessoa nua perde imediatamente a força do



instinto vital, e recebe o destino como uma fatalidade. A sede irreconciliável de viver dá lugar à passividade e à indiferença.²⁰

Para levar a cabo a tarefa de desumanização final, os alemães agiam “com a súbita e repentina aplicação de uma crueldade insensata e alógica”.²¹ Só assim o processo se completava e as vítimas tinham sua capacidade de resistência diminuída, mesmo quando intuíam seu destino final. Nesse processo de caminhar para a morte, não são, no entanto, as vítimas que perderam a capacidade de discernir entre o que é humano e o que é bestial. Para Grossman,

as pessoas continuaram a ser pessoas, não adotaram a moralidade, nem as leis do fascismo, combateram-no de todas as formas, combateram morrendo uma morte humana.²²

O sistema de morte era ao mesmo tempo uma degradação total do que é humano e um casamento com a técnica, que havia erigido a moderna sociedade industrial. Em mais de um trecho, o escritor fala do caráter mecânico das execuções, do fato de que os executores e os que haviam concebido a máquina da morte eram hábeis construtores de ferramentas para a execução da tarefa a que se propunham:

Pois o abatedouro de Treblinka não era um abatedouro comum. Era um abatedouro com esteira rolante, organizado segundo o mesmo método de produção em cadeia da grande indústria moderna.²³

Embora Grossman não esteja buscando uma explicação global para o funcionamento do regime nazista, a referência à técnica e ao caráter ordenado das ações dos executores esclarece o sentido de suas afirmações anteriores de separação entre os homens e os animais. Se os carrascos se colocavam em um lugar fora da humanidade, isso não era devido a um recuo a um comportamento puramente instintual, do qual derivaria uma violência fora de controle, cujo fundo era indiscernível. A violência do campo era planejada, minuciosamente preparada e comandada pela combinação de uma ideologia, à qual todos os participantes aderiam, e por um método, que não podia ser atribuído a seres destituídos de razão. Ao contrário, ela era filha do tempo da ciência e da técnica. Ela implicava um alto grau de concentração organizacional e uma vontade férrea de colocar em marcha um sistema eficaz de extermínio.

Grossman, assim como Primo Levi, era um homem de ciência. Tendo acreditado ainda muito jovem nos méritos da Revolução Bolchevique, ele se empenhara na universidade em adquirir uma formação em química que o



capacitasse a contribuir para o progresso técnico de sua pátria. Em Treblinka, ele descobriu os limites do sonho juvenil. Ainda não chegara o tempo da desilusão total com o regime soviético e da crítica acerba que ele fará mais tarde ao comunismo staliniano. Mas naquele momento, ele fez a experiência dos limites da razão instrumental e científica. Foi por terra a ideia de que os progressos da ciência e da técnica correspondem necessariamente a uma forma de progresso da vida em comum dos homens.

Ao contrário, o que ele vê é que o progresso da ciência e da técnica podia significar o progresso nas formas de dominação e de destruição dos outros. Ao racionalizar o massacre, os nazistas haviam feito a combinação perfeita entre a extensão máxima da violência e a utilização máxima da técnica para atingir seus fins. Um maior progresso dos conhecimentos científicos não correspondia a nada no terreno das relações humanas. O campo de concentração de Treblinka não era o fruto indesejado de uma violência primal, que se desencadeou no seio de uma guerra insana. Ele era o produto direto do emprego do que havia de mais moderno e eficaz para realizar algo com o qual nem se podia sonhar antes da era da técnica e das ciências: o massacre sistemático de populações inteiras, que nem mesmo estavam envolvidas diretamente no conflito.

Muito antes do tema da biopolítica ter entrado no vocabulário filosófico da contemporaneidade, o escritor soube captar a ideia de um poder que, ao visar reduzir as pessoas a corpos que sofrem, transforma a violência em seu principal instrumento de domínio. Isso não quer dizer que outras formas de domínio desapareçam, mas o terror, a iminência da morte, o fato de que os considerados inimigos podem ser eliminados sem nenhuma mediação, mesmo que seja uma farsa jurídica, mostra que os regimes totalitários não procuram disfarçar a forma como exercem seu poder. Ao contrário, ao visar toda a humanidade como um amontoado de corpos, ele destrói a possibilidade de uma vida política constituída por meio da palavra. O corpo nu não conhece mediações, ele é pura matéria biológica, que pode ser manipulada e extinta sem que isso tenha qualquer consequência para os que agem sobre ela. Como resume muito Agamben:

A ambição suprema do biopoder é a produzir em um corpo humano a separação absoluta do vivente e do falante, da “zoé” e do “bios”, do não homem e do homem; a sobrevivência.²⁴

Um dos aspectos interessantes da narrativa de Grossman sobre Treblinka é que ele é capaz de combinar uma forte carga emocional com uma precisão enorme na maneira como descreve o funcionamento do campo. É claro que à luz de estudos posteriores há alguns detalhes de seu relato que se mostraram



imprecisos, mas no conjunto a visão que ela nos dá do dia a dia do campo faz surgir uma realidade nua de quem conheceu o lugar, quando as cinzas dos mortos ainda estavam espalhadas pelas estradas da vizinhança e eram pisadas pelos filhos dos camponeses, que haviam sido recrutados pelos nazistas na tentativa de esconder seus crimes.²⁵ Tendo sido um dos primeiros relatos sobre o horror de um campo de extermínio nazista, ele permanece uma referência para os que querem entender os que ocorreu e como insistia o escritor, que ainda pode ocorrer.

Grossman não foi feito prisioneiro durante a guerra e mesmo depois, quando foi perseguido e atacado pelo regime soviético, até ser destruído física e psicologicamente por ter vivido o sequestro de sua obra-prima, não enfrentou a prisão. Mas ao viver a guerra ao lado dos soldados russos, passando pelas dificuldades da campanha, pelas privações, suas esperanças e seus medos, ele soube se colocar no lugar dos que viveram os combates sob o fogo inimigo e dos que sofreram com a barbárie dos nazistas. Isso fez dele um dos jornalistas mais amados pelos leitores ávidos do jornal *Krasnaia Zvezda* e um escritor popular quando sua obra *Por uma justa causa* foi publicada depois do fim dos combates.

Ao escrever sobre Treblinka, ele apontou para um lugar do testemunho que não era nem o dos que sobreviveram e nem dos que mais tarde se puseram a estudar a realidade dos campos. Ao mesmo tempo, ele nunca se pensou como um juiz imparcial, ou como alguém capaz de “compreender” a mente dos assassinos. Ao chamá-los de animais, ele quis marcar a distância que o separava, e que separa todos os que não praticaram crimes e nem contribuíram para que fossem praticados, de criminosos, que ultrapassaram todas as barreiras do humano. Sem se arrogar o lugar da testemunha privilegiada, que acabara de descobrir o horror do campo, ele procura restituir o roteiro da morte de milhões de pessoas justamente para que elas não fossem esquecidas.

Ao inventar para si o lugar de um testemunho, que não era nem o do sobrevivente, nem o do juiz, e nem o de um relator imparcial, como buscava ser Simonov e tantos outros que escreveram relatos para as forças armadas vencedoras, ele introduziu a literatura como um instrumento essencial para a preservação da memória dos que foram massacrados e das sociedades que produziram a barbárie. Livre para se colocar no lugar dos que sofreram em seus corpos o indizível, ele pode escolher o lugar do narrador que possui empatia com as vítimas, sem querer se substituir a elas. Escrever ficção sobre a morte nas câmaras de gás pareceu a muitos um ato de profanação de uma experiência que beira o indizível. De fato, talvez o fato totalitário em toda sua extensão não possa ser transformado em uma única narrativa coerente. Mas Grossman



avança um passo na direção da compreensão do que ocorreu e no traçado da fronteira entre o humano e o “animal totalitário” quando em sua obra-prima *Vida e destino* procura relatar o instante final da vida de um condenado.²⁶

Naquele momento, ele não podia conhecer os escritos dos *Sonderkommando*. Mas ao escolher passar para a ficção o que ouvira da boca de tantas testemunhas, ele introduziu na linguagem algo que parecia se negar a ela e que com isso escapava também ao pensamento. Grossman não era um pensador profissional. A descoberta dos horrores totalitários e mais tarde do parentesco que unia Stalin e Hitler foi para ele uma experiência dolorosa e iluminadora. Ao transformar sua desilusão com o regime soviético e seu profundo conhecimento da barbárie nazista em literatura, ele escapou do dilema que até hoje assola muitos escritores e mesmo estudiosos, que acreditam que apenas os que sofreram o horror das prisões da morte mecanizada poderiam dizer o que realmente se passou. É claro que em sua radicalidade se trata de uma experiência impossível de ser ensinada, mas será que isso quer dizer que por isso ela deve ficar fora da linguagem? A resposta de Grossman é não.

Em *Vida e destino*, ele narra morte da médica Sofia Ossipova em uma câmara de gás. Feita prisioneira em Stalingrado, ela caminha para a morte junto a um menino que se apegara a ela, mas com o qual a única ligação era a de ser parte dos que sofriam a violência dos carrascos. Falando da entrada do grupo ao qual pertencia a médica judia russa na câmara da morte, Grossman afirma:

Era um movimento que não era um movimento próprio aos seres humanos. Não era um movimento próprio aos seres vivos. Ele não tinha nem sentido nem objetivo, não era o resultado da vontade de seres vivos.²⁷

Naquele instante, o sistema já operara a quebra da personalidade que ele descreve tão bem seu relato sobre Treblinka:

Primeiro, tiravam da pessoa a liberdade, a casa, a pátria, e levavam-na para um vazio sem nome, na floresta. Depois, na praça da estação, tiravam seus pertences, cartas, fotografias dos entes queridos; em seguida, atrás da cerca do campo, tiravam-lhe a mãe, a mulher, o filho. Depois, tomavam os documentos da pessoa nua e o jogavam na fogueira: agora ela não tinha mais nome. Era empurrada para um corredor com teto baixo de pedra; tinham-lhe tirado o céu, as estrelas, o vento, o sol.²⁸

É dessa maneira que sua personagem adentra a câmara de gás e Grossman a acompanha:



Ela respirava, mas respirar tinha se tornado um trabalho duro e ela se desgastava para realizar o duro trabalho da respiração. Ela teria querido se concentrar em seu último pensamento, apesar dos sinos que tocavam em sua cabeça, mas ela não tinha pensamentos. Sofia Ossipovna, os olhos abertos, estava cega e muda.²⁹

O realismo quase insuportável da cena nos lembra que para o escritor o que se extinguiu naquele momento não foi um corpo, um feixe de nervos e ossos, mas a liberdade, ela mesma, pois para ele “a vida é a liberdade, enquanto que o processo da morte é o processo progressivo de destruição da liberdade”.³⁰ Dessa maneira, Grossman ao mesmo tempo que nos lembra da dura realidade da morte numa câmara de gás, tentando se colocar ao lado dos que sofreram a violência inacreditável de um sistema inteiramente organizado para a morte de milhões de pessoas, ele evita a armadilha de transformar essas mortes em números, que falariam por si mesmos, como se a mesma lógica fria que organizava o massacre pudesse ser usada para compreender seu significado. Ao fazer de cada morte, como a da personagem, um acontecimento único, ele devolve significado e dignidade ao que parecia aos olhos dos carrascos um puro ato mecânico.

Ao transformar mais tarde seus conhecimentos dos horrores dos campos em uma ferramenta para fazer da literatura um caminho para o testemunho, Grossman não fugiu do tema da responsabilidade dos carrascos. A guerra ainda não havia terminado, quando ele escreveu sobre Treblinka e nem por isso deixou de lado a questão da punição e do papel que cada um que participou dos massacres teve no processo do holocausto. De maneira direta, ele se referiu aos assassinos nesses termos:

Cabe assinalar aqui que essas criaturas não estavam simplesmente satisfazendo de forma mecânica vontades alheias. Todas as testemunhas destacam como traços comuns a todos eles o amor por elaborações teóricas, pela filosofia. Todos tinham um fraco por proferir discursos diante dos condenados, por se vangloriar perante eles, explicando a grande ideia e o significado para o futuro daquilo que ocorria em Treblinka.³¹

Os animais ébrios que matavam de forma indiscriminada suas vítimas, nem por isso deixavam de estar imersos em uma cultura, em um projeto de poder. Longe da inconsciência que muitos alegaram depois, Grossman insiste que eles não apenas sabiam o que estavam fazendo, mas concordavam com as grandes linhas de uma guerra de extermínio, que era travada em nome de uma



ideologia, que punha em seu centro a ideia da superioridade racial e o suposto direito dessa “raça” de impor sua vontade ao mundo.

A clareza com que o escritor coloca a questão da responsabilidade é fundamental para evitar o embuste de muitos discursos proferidos por carrascos, que em seus depoimentos alegaram seja a necessidade de obedecer cegamente às ordens, seja o desconhecimento das razões por trás das ações torpes que praticaram. Talvez o exemplo mais gritante tenha sido o do comandante de Treblinka, Franz Stangl. Feito prisioneiro no Brasil, onde levava uma vida ordinária como funcionário de uma montadora de carros em São Paulo, ele foi extraditado para ser julgado na Alemanha em 1970. Entrevistado pouco antes de sua morte na prisão por Gitta Sereny, ele deixou um dos relatos mais diretos e horripilantes da maneira como funcionava o campo e como ele encarava o que qualificava como sua atividade profissional.

O depoimento de Franz Stangl tantos anos depois do fim da guerra é essencial para nós, porque confirma muitas das abordagens de Grossman sobre o funcionamento cotidiano de Treblinka e da maneira como era concebida e levado a cabo a morte cotidiana de milhares de pessoas pelos nazistas e seus ajudantes. Num determinado momento de sua fala, o comandante do campo confirma que para ele não havia indivíduos, existia apenas uma grande massa de seres humanos destinados ao abate. De forma fria e direta ele afirmava: “Era uma carga, uma carga”.³² Seu poder se exercia, portanto, sobre corpos visados como matéria amorfa, pois como dizia “eu raramente os percebia como indivíduos. Era sempre uma enorme massa”.³³ Temos razão para seguir Grossman em sua intuição de que ali se exercia uma nova forma de poder que seria mais tarde chamada de biopoder. Sem se preocupar em conceituar o que apreendera em sua visita aos campos de extermínio, ele foi capaz de discernir a nova forma de dominação numa época dominada pelo desejo de conquista, pelas ideologias e pela técnica.

Da mesma maneira, Stangl confirma a natureza técnica das ações que comandava. Tendo empregado grande energia em aperfeiçoar o processo de matança, ele não apenas se orgulhava do que fora capaz de realizar, mas enxergava todo o processo como o resultado positivo de um esforço coletivo para a realização de uma tarefa difícil, assim como engenheiros se orgulham de terem sido capazes de construir pontes sobre desfiladeiros. Mas o caráter racional de sua ação, era ao mesmo tempo visto por ele como sua obra e como algo que o ultrapassava pela amplitude e coerência que encerrava. Perguntado por Gitta Sereny se não podia ter feito algo para pelo menos minorar o sofrimento das vítimas, ele respondeu indignado: “Não, não, não era o sistema. Wirth o havia inventado. Ele funcionava, ele era intangível”.³⁴



Não havia, portanto, lugar para falar de inconsciência, ou mesmo de coerção absoluta dos carrascos. Participar daquela experiência era algo extraordinário para muitos deles, uma promoção para o centro das ações de um poder que extrapolava todas as fronteiras do mando exercido até então por todos os regimes políticos. É dessa maneira que o filho de Gustav Münzberg, responsável por empurrar as pessoas para dentro das câmaras de gás, fala da experiência de seu pai. Antes da guerra ele era um simples marceneiro. Depois, entrou para as SS e começou a se sentir alguém:

E depois em Treblinka. É inconcebível o que lhe aconteceu de repente: a liberdade de ação, o poder, sua situação única, a distância entre eles e todos os outros. Imaginem. Não, é inimaginável.³⁵

O relato de Grossman, escrito sob o impacto da emoção e do choque, é de uma lucidez extrema. Sem se deixar enganar pelo aspecto extraordinário do que descobria, ele soube discernir os principais elementos do funcionamento do campo e o fato de que não havia lugar para falar, como fizeram alguns depois da guerra, que as vítimas se deixavam levar como carneiros para a morte.³⁶ Só a violência organizada de forma metódica pode alcançar os resultados que foram alcançados. Treblinka foi ao mesmo tempo o resultado da vontade enlouquecida de um poder disposto a levar a cabo seus desígnios assassinos e o produto de uma técnica desenvolvida para uma tarefa que não aparecia a seus executores como algo que comportasse um desafio moral.

Entre o cinismo e o embrutecimento, Stangl declarava que suas crenças o mantinham vivos naquele lugar: “Sobreviver. No meio de toda aquela morte, a vida. E, o que mais me sustentou, foi minha crença arraigada de que há uma justiça.”³⁷

Ao evocar um senso de justiça, o carrasco diz de si mesmo que ele era culpado e responsável pelo que ele e todos os outros fizeram no campo. Grossman descortina com clareza a responsabilidade direta e pessoal de cada um que participou da execução dos milhares de pessoas quando afirma:

Todos estavam profunda e sinceramente convictos de que faziam algo justo e necessário. Explicavam em pormenores a superioridade de sua raça sobre todas as outras, proferiam tiradas sobre o sangue alemão, o caráter alemão, a missão dos alemães. Sua fé estava exposta nos livros de Hitler, Rosenberg, nas brochuras e artigos de Goebbels.³⁸



Contrariamente a muitos que escreveram depois da guerra, já naquele momento o escritor recusava tanto a noção de “reponsabilidade coletiva”, que Arendt tanto criticaria mais tarde,³⁹ quanto a ideia de que um sistema abstrato dava ordens e forçava soldados e ajudantes e executar ordens extravagantes. Havia aos olhos de Grossman um sistema em funcionamento, mas ele foi criado e era alimentado pela ação de indivíduos concretos, que eram inteiramente responsáveis pelo que faziam. Não havia, nesse sentido, para ele, um sistema e homens de carne e osso que o obedeciam em tudo. O sistema era o produto da vontade e da decisão de seres concretos e conscientes, que tinham prazer com suas ações e se orgulhavam do que faziam. Por isso, eram culpados. Não por serem monstruosos e distantes da humanidade, mas por serem homens e mulheres ordinários, que executavam com a ajuda de meios técnicos algo que era impensável até então.

Grossman inaugurou com seu texto uma forma de literatura que abriu uma nova fronteira no testemunho e na compreensão da experiência mais radical de nosso tempo. Apegado aos detalhes, respeitoso da palavra dos que sofreram e dos viram se desenrolar o massacre. Ciente de que alguns aspectos da vida de um campo de extermínio escapam às palavras ordinárias e só podem ser restituídos pelo cruzamento dos muitos olhares que se debruçaram sobre um fenômeno que extrapola as possibilidades de entendimento de uma só pessoa, ele soube guardar um olhar sereno, porque, longe de fugir de suas emoções, soube ver que elas podem ser uma fonte soberana de compreensão do que por outros caminhos não sabemos nem abordar. Por isso a conclusão original de seu escrito é tão poderosa e tão poética: “E o coração parece que vai parar, tomado por tamanha tristeza, tamanho pesar, tamanha angústia, que a pessoa não aguenta”.⁴⁰

* **Newton Bignotto** é Professor Titular no Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e autor de, dentre outros títulos, *Matrizes do Republicanismo*; *As aventuras da virtude*; *Maquiavel*; *Pensar a República*; e *O tirano e a cidade*.

Notas

¹ ANISSIMOV, 2012, p. 422.

² ANISSIMOV, 2012, p. 423.



³ Não existe uma estimativa concordante do número de vítimas. Raul Hillberg fala de 750 mil, enquanto a resistência polonesa, que tinha em seus quadros funcionários das ferrovias e que contavam os trens que chegavam com os judeus de todas as partes da Europa, contabiliza algo em torno de 1,2 milhão de vítimas.

⁴ ANISSIMOV, 2012, p. 424.

⁵ ANISSIMOV, 2012, p. 428.

⁶ ANISSIMOV, 2012, p. 429.

⁷ LANZMANN, 2001.

⁸ O texto de *O inferno de Treblinka* agrupado por Vassili Grossman e Ilya Ehrenbourg no chamado “Livro Negro” deveria ter sido usado pelo Tribunal de Nuremberg para auxiliar na acusação dos criminosos que participaram dos massacres dos judeus no Leste Europeu. Como vimos, o texto referente a Treblinka foi distribuído aos jornalistas e juízes, mas o restante do livro não foi entregue pelo governo soviético que acreditava que o material expunha de forma exagerada a morte dos judeus, abordando o problema de um ponto de vista que não era “internacionalista”. EHRENBURG; GROSSMAN, 1995. Vamos utilizar aqui a excelente tradução de Irineu Franco Perpetuo, presente em GROSSMAN, 2015, p. 121-177.

⁹ GROSSMAN, 2015, p. 122.

¹⁰ GROSSMAN, 2015, p. 125.

¹¹ GROSSMAN, 2015, p. 129.

¹² GROSSMAN, 2015, p. 129.

¹³ LEVI, 2014.

¹⁴ ANISSIMOV, 2012, p. 429.

¹⁵ KERTEZ, 1998, p. 139

¹⁶ KERTEZ, 1998, p. 259.

¹⁷ GROSSMAN, 2015, p. 162.

¹⁸ GROSSMAN, 2015, p. 134.

¹⁹ GROSSMAN, 2015, p. 142.

²⁰ GROSSMAN, 2015, p. 143.

²¹ GROSSMAN, 2015, p. 144.

²² GROSSMAN, 2015, p. 149.

²³ GROSSMAN, 2015, p. 151.

²⁴ AGAMBEN, 2005, p. 145.

²⁵ No *Livro negro*, logo depois do texto de Grossman há um escrito de V. Apresian que fala justamente das crianças que espalhavam as cinzas dos corpos incinerados nas estradas vizinhas ao campo para tentar disfarçar o massacre que fora cometido. (APRESIAN, 1995, p. 904-911.)

²⁶ GROSSMAN, 1980, p. 738-750.



-
- ²⁷ GROSSMAN, 1980, p. 745.
²⁸ GROSSMAN, 2015, p. 155.
²⁹ GROSSMAN, 1980, p. 748.
³⁰ GROSSMAN, 1980, p. 749.
³¹ GROSSMAN, 2015, p. 165.
³² SERENY, 2103, p. 286.
³³ SERENY, 2103, p. 287.
³⁴ SERENY, 2103, p. 288.
³⁵ SERENY, 2103, p. 319.
³⁶ Essa também é a posição expressa por SERENY, 2103, p. 284.
³⁷ SERENY, 2103, p. 334.
³⁸ GROSSMAN, 2015, p. 165.
³⁹ ARENDT, 2004, p. 213-225.
⁴⁰ GROSSMAN, 2015, p. 175.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Quel che resta di Auschwitz*. Torino: Bollati Boringhieri, 2005.
- ANISSIMOV, Myriam. *Vassili Grossman. Un écrivain de combat*. Paris: Éditions du Seuil, 2012.
- APRESSIAN, V. Les enfants du chemin noir. In: EHRENBURG, Ilya; GROSSMAN, Vassili (Org.). *Le Livre Noir*. Paris: Solin/Actes Sud, 1995. p. 904-911.
- ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GROSSMAN, Vassili. *A estrada*. Trad. Irineu Franco Perpetuo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- GROSSMAN, Vassili. *Vie et Destin*. Paris: L'age d'Homme, 1980.
- EHRENBURG, Ilya; GROSSMAN, Vassili (Org.). *Le Livre Noir*. Paris: Solin/Actes Sud, 1995.
- KERTEZ, Imre. *Être sans destin*. Paris: Actes Sud, 1998.
- LANZMANN, Claude. *Shoah*. Paris: Gallimard, 2001.
- LEVI, Primo. *Se questo è un uomo*. Torino: Einaudi, 2014.
- SERENY, Gitta. *Au fond des ténébrès*. Paris: Éditions Tallandier, 2013.